

AUMENTO DA GERAÇÃO NEM-NEM (NEM TRABALHAM NEM ESTUDAM): UMA AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA BRASILEIRA.

Adriane dos Santos Rizato¹, Aylla Carvalho Cirilo¹, Lais de Souza Costa Oliveira¹,
Mariana Selvatichi dos Reis¹ e Mery Helen Buzatto Nogueira²

¹Acadêmicas do curso de Psicologia

²Orientadora e Mestre em Políticas Públicas - Docente Multivix - Serra

RESUMO

A condição de jovem “nem-nem” ganhou maior visibilidade recentemente, em um contexto pós-pandemia, que segue afetando a vida da população. O presente estudo preocupa-se em analisar o contexto sociopolítico brasileiro que propicia uma geração inativa ou desempregada, mais popularmente conhecida como “geração nem-nem”, jovens que não trabalham nem estudam. A análise traz à luz fatores que evidenciam a desigualdade ao acesso escolar, a supervalorização do poder de compra e do mercado em uma sociedade neoliberal, além de o que faz com que a juventude tenha dificuldade em ingressar no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Geração; Escolar; Neoliberal.

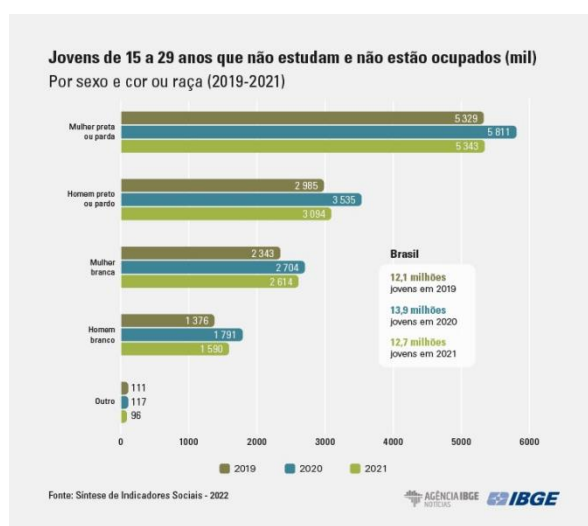
Abstract

The condition of being a “neither-nor” youth has gained greater visibility recently, in a post-pandemic context, which continues to affect the lives of the population. This study is concerned with analyzing the Brazilian socio-political context that fosters an inactive or unemployed generation, more popularly known as the “neither-nor generation”, young people who neither work nor study. The analysis brings to light factors that highlight inequality in school access, the overvaluation of purchasing power and the market in a neoliberal society, in addition to what makes youth have difficulty entering the job market.

Keywords: Generation; School; Neoliberal.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar os expoentes por trás da geração conhecida como “nem-nem”, que, segundo Silva (2016), é um termo utilizado pela mídia para designar os jovens que não estudam e nem trabalham. De acordo com o conceito definido internacionalmente, o conjunto de jovens “nem-nem” engloba dois subconjuntos: os inativos e os desocupados. Os inativos não estão procurando emprego, enquanto os desocupados o procuram (FREIRE; SABOIA; 2021). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, esses jovens estão na faixa etária entre 15 e 29 anos e, são classificados como sem atividades, ou seja, em busca de emprego ou não (IBGE, 2021), conforme tabela a seguir:



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021.

Ao analisar a tabela acima, reforça-se a importância deste estudo, dada a discrepância social no perfil desses jovens, nota-se que a cor e raça se classifica como fator determinante no status de não trabalhadores e não estudantes, seguido pelo sexo, dada que a porcentagem de mulheres inativas ou desocupadas é superior à dos homens com semelhanças em relação à cor/etnia. Mesmo com a promulgação de uma série de ações, projetos e políticas voltadas às juventudes, ainda há inúmeras lacunas na oferta de oportunidades para os jovens brasileiros no que tange à educação, profissionalização, trabalho, cultura, entre outros, fatores esses que influenciam diretamente o caminho dessa juventude (PRADO; SILVA; SILVESTRINI; p.709; 2020). Com este projeto objetiva-se analisar fatores que contribuem para a permanência das desigualdades supracitadas e seus impactos nesta faixa etária.

2. EFEITOS DO INFLUXO NEOLIBERAL

O neoliberalismo consiste em um conjunto de políticas e processos que permitem a um número relativamente pequeno de interesses particulares controlar a maior parte possível da vida social com o objetivo de maximizar seus benefícios individuais. O neoliberalismo é caracterizado pelas políticas de livre mercado que incentivam o empreendimento privado, premiam a responsabilidade pessoal e a iniciativa empresarial (CHOMSKY; p.7; 2004). Dentro desse paradigma, qualquer atividade que interponha o domínio da sociedade pelas grandes empresas é suspeita, pois estaria se opondo ao funcionamento do livre mercado (CHOMSKY; p.8; 2004).

Desde a década de 1970, o neoliberalismo vem sendo chamado de “a nova forma de ser do capitalismo” e tem provocado grandes mudanças na sociedade como um todo. Em relação ao trabalho, essa nova forma de controle impõe os indivíduos a uma competição mortal, tornando o mercado trabalhista um local de sobrevivência, de vítimas e responsáveis pelo sofrimento. Na visão de alguns teóricos neoliberais o mercado não seria mais visto como algo natural, mas sim como uma realidade a ser construída, necessitando, desse modo, de intervenções do Estado, que criaria uma nova racionalidade baseada no modelo de mercado, principalmente na concorrência. Desse modo, o sistema político introduz relações de concorrência em todas as dimensões da vida, o faz através do desmonte de sistemas de proteção social estatal, privatização das empresas e dos serviços públicos, da desregulação dos mercados financeiros, dentre outros (OLIVEIRA; 2022):

O novo sujeito neoliberal aparece como um tipo ideal a ser considerado, mas dificilmente alcançado, sobretudo, para as juventudes que estão submetidas aos processos de exclusão e desigualdades, considerando inclusive suas interseccionalidades. Haverá uma constante cobrança para que as características do novo sujeito neoliberal sejam conquistadas, ainda que os impactos delas, como a meritocracia, o individualismo, a competição recaia sobre esse mesmo grupo para evidenciá-los como fracassados sociais (PRADO; SILVA; SILVESTRINI; p. 715; 2020).

Tendo como base a fala anterior, pode-se concluir que na sociedade neoliberalista o lucro é supervalorizado, as empresas não querem contratar funcionários sem experiência, elas querem funcionários multifunções, que se

adaptem rápido. Gerador de uma sociedade competitiva, o neoliberalismo pressiona a juventude, com o ideal que aquele que não tem uma ocupação é visto como fracassado, expondo a sua síntese ultra individualista. Nesse caso, o jovem desocupado e inexperiente não apresenta pré-requisitos para entrar em um mercado formal.

Michael Sandel (2012) em seu livro "O Que o Dinheiro Não Compra" faz uma crítica ao mundo onde tudo está à venda e quem leva vantagem nisso são aqueles que possuem poder de compra, os mais ricos. Cita ainda que, com poder de compra em uma época em que tudo pode ser vendido apenas contribui para a permanência das desigualdades atuais. Destarte, compreende que o neoliberalismo é o primeiro passo de uma economia de mercado para uma sociedade capitalista, conceituando-se que este sistema, vem se transformando no centro das influências e que todos estão destinados a satisfazê-lo, desse modo, passa a ser o centro das ocupações, em detrimento das pessoas.

É necessário salientar que, a partir da criação de uma política de auxílio aos mais pobres, o país vem tentando diminuir as desigualdades supracitadas “porque houve uma pequena inclusão social, como no caso das bolsas e assistências sociais, aumento do salário-mínimo e diminuição da informalidade” (MENCHISE; FERREIRA; FERNANDEZ; p. 13; 2023). Todavia as mudanças ocorridas até agora, não são suficientes para mudar uma situação que é decorrente de vários anos.

Portanto, compreende-se o neoliberalismo como mais que uma política econômica, se trata de exigências mais amplas, um modelo de produção de indivíduos, que na mesma medida em que produz indivíduos de um novo tipo também reconfigura as modalidades de sofrimento. (OLIVEIRA; 2022). É um modo político social, que permite a permanência das desigualdades existentes e até às prejudica, um sistema competitivo e individualista que afeta a sociedade como um todo. Os jovens que querem entrar no mercado trabalhista ou que se prestam a focar em seus estudos são lesionados por essa dinâmica.

3. A DESIGUALDADE E O ACESSO ACADÊMICO

Assim como explicado por Gorender (2000) em seu livro “Brasil em Preto e Branco: o passado escravista que nunca passou”, o histórico brasileiro desde o

período colonial é marcado pela desigualdade e pelo racismo. Primeiro podemos citar a relação dos europeus com os indígenas e, posteriormente, com os escravizados. Os nativos africanos obrigados ao trabalho mobilizaram a economia imperial, a mão de obra escrava era base para o funcionamento dos grandes latifundiários. O demorado processo de abolição não garantiu aos ex-escravizados uma base para recomeçarem suas vidas, mesmo não havendo uma segregação estabelecida na prática, ou seja, nunca houve restrições formais quando a moradia e educação, por exemplo, contudo na prática é algo que realmente ocorre.

O controle do trabalho da população negra e indígena durante a escravização traz reverberações até a atualidade, não apenas como um legado do passado, mas como relação social dinâmica e estrutural que continua estabelecendo lugares de inferioridade e desigualdade no interior da sociedade. Logo, o racismo não pode ser compreendido apenas como construção ideológica, mas como elemento primordial da nossa formação social, indispensável para a consolidação do capitalismo mundial emergente (CISNE; IANAEL; p. 193; 2022).

Correlacionando as desigualdades com a questão acadêmica, a população preta e parda está exposta a desvantagens sistemáticas em várias dimensões socioeconômicas que têm resultado em indicadores educacionais inferiores aos da população branca. As desigualdades educacionais vão desde o ingresso aos diferentes níveis de ensino, a continuidade e o desempenho acadêmico. A desigualdade racial educacional é resultado da segregação espacial, na qual se observa concentração de não pretos em áreas com melhores oportunidades educacionais. Esse fato se dá por conta, em grande medida, pelo resultado da ausência de políticas educacionais que levem em consideração a questão racial. Ao não considerar o fenômeno social, o modelo educacional vigente acaba por prorrogar essa desigualdade (CAREGNATO; SANTOS; FELIN; 2020).

Complementa-se, que estudos concluem que ocorre uma sobreposição de diferentes tipos de desvantagens para indivíduos em situação de vulnerabilidade social, principalmente no que se refere à segregação socioespacial típicos das cidades brasileiras. Em outros termos, morar em locais segregados, com alta concentração de pobreza, torna-se um fator de acúmulos de desvantagens a esses jovens. É evidenciado que a atuação do poder público nos locais com alta concentração populacional e vulnerabilidade é muito relevante quando se trata de educação, pois ela tem o potencial de superar as condições sociais advindas da

origem social. Desse modo, infere-se que uma mesma rede de ensino apresenta diferentes níveis educacionais a depender de sua geografia, ou seja existem diferenças no que tange o acesso aos recursos pedagógicos (GOMES; MELO; 2021).

Conforme Freire e Saboia (2021), as universidades também se apresentam como ambiente desigual, a expansão do Ensino Superior aconteceu em paralelo à manutenção do filtro do Ensino Médio, desse modo a massificação do nível superior se deu em um cenário marcadamente desigual com relação à conclusão da educação básica. A velha configuração é persistente, um terço da juventude mais pobre fica no Ensino Fundamental, um quarto dos restantes fica retida no Ensino Médio, logo é diminuto o número de jovens pobres que entram na universidade, nessa situação pesquisa mostram que a quantidade de mulheres que passa para o ensino Superior é maior que a de homens. Com as novas barreiras derivadas das mudanças educacionais: aumento de ingressos no ensino médio e a ampliação da demanda pelo Nível Superior, intensificou-se a concorrência pelo diploma universitário, especialmente no setor público, como consequência a seletividade social cada vez maior na entrada das universidades e cada vez menor na saída da escola prejudica de variadas maneiras os mais pobres, que competem com vários outros jovens por uma vaga nas universidades (FREIRE; SABOIA; 2021).

As desigualdades compreendem a realidade escolar, em sua heterogeneidade marcada até mesmo dentro da rede pública, que conserva as possibilidades diferenciais no acesso à educação superior. Quando se considera que o acesso a escolas públicas diferenciadas, também relacionado com acessos escolares anteriores e posteriores, estão em geral relacionados a vantagens familiares no que tange capitais socioeconômicos e culturais que reverberam até o acesso à educação superior. Fenômeno esse que mesmo com as políticas estatais, que objetivam enfrentar essa questão para proporcionar oportunidades aos jovens estudantes e compensar a desigualdade social, continuam a ocorrer e afetar o futuro juvenil (CAREGNATO; SANTOS; FELIN; 2020).

Os diferentes graus de qualificação são fruto da desigualdade social, das diferentes formas de renda, que limitam o acesso dos mais pobres ao sistema escolar, bem como a permanência desses na escola. Tal fator é encoberto pelas empresas que estimulam seus funcionários a competirem, estipulando uma classificação por

competência, que é utilizada para justificar privilégios (GALVÃO; 2007). Com as passagens supracitadas fica evidente que a desigualdade que norteia a sociedade brasileira influencia diretamente a vida escolar dos jovens, que acaba por influenciar o mercado trabalhista.

4. IMPOSIÇÕES DO MERCADO TRABALHISTA

Segundo Pereira, Orellana, Aragon (2023), no contexto atual, a taxa de desemprego dos jovens encontra-se muito elevada, tal fato se dá em medida pela falta de experiência, muitos empregadores preferem contratar pessoas mais velhas e com mais experiência no mercado de trabalho, levando o jovem a permanecer por mais tempo na situação de desemprego, ou até mesmo entrar para a inatividade por desalento. Os jovens são os que mais enfrentam dificuldades na inserção no mercado de trabalho. Os indivíduos que dependem do emprego para sustentar a família costumam ser menos seletivos na hora de aceitar uma vaga, fato que contribui para o desemprego juvenil, o que é destacado por Simão (2000):

Nem toda população economicamente ativa está concorrendo por uma vaga no mercado de trabalho. Uns, pelo fato de não encontrarem funções adequadas às suas qualificações, deslocam-se, conseqüentemente, para o mercado informal; outros associam mercado formal e mercado informal como forma de manter a própria sobrevivência; outros não necessitam colocar sua força de trabalho à disposição do mercado e, ainda, há aqueles que se enquadram nas exigências do modelo flexível de acumulação (SIMÃO; p. 21, 2000).

No Brasil, vivemos o desemprego estrutural, respaldado na acumulação capitalista que decorre da intensificação da exploração do trabalho. Desta infere o rebaixamento salarial, retirada dos direitos trabalhistas, privatizações, informalidade e precarização. Uma organização do trabalho que finda a transigência e impõem a precarização, a terceirização e a informalidade aos trabalhadores. A taxa de exploração crescente e a centralidade na acumulação de capital acaba por reduzir as possibilidades e induzindo a classe trabalhadora a realizar trabalhos cada vez mais precários e focalizar a informalidade, na qual não há vínculo com o empregador e o que recebem beiram o salário-mínimo (NEVES; 2022).

Jovens desempregados, com alta rotatividade, baixa remuneração e em empregos informais, preferem aderir a categoria de uberização: empresas tecnológicas, digitais, que definem e gerenciam a distribuição do trabalho, regulam a oferta de trabalhadores, criam maneiras de avaliar e controlar a produtividade, regras pré-estabelecidas e claras, ou seja, preferem arriscar ter um cadastro aprovado, fazer um investimento mínimo, e criar estratégias próprias de manutenção. Essas maneiras cotidianas de sobrevivência como motoboys e bikeboys, tem sido trabalhadas como sinais claros da desigualdade, tendo-se em vista que essa ocupação é precária, de baixa qualificação e rendimento, com grande participação de jovens negros (FREIRE; SABOIA; 2021).

De acordo com Telles (2013), a questão do desemprego é paradigmática, não há direitos que garantam a identidade de trabalhador, nesse sentido, o trabalhador é jogado na condição genérica e indiferenciada do não-trabalho, onde se confunde as noções do pobre, do desocupado, do delinquente ou da vadiagem. Com isso levanta-se questões como rotatividade de emprego, trajetória empregatícias descontinuas, e a informalidade. Entra em questão, também, que a teia de desigualdade trabalhista afeta diferencialmente homens e mulheres, adultos e jovens, as curvas de salário e hierarquia, do mesmo modo, são discriminadas por fatores de sexo e idade.

Com a leitura e entendimento dos textos, fica-se evidente que vários são os fatores que contribuem para a crescente e constante taxa de desemprego entre os jovens, fatores esses que são tanto estruturais quanto pessoais, à medida que a exigência empregatícia aumenta e os salários diminuem, muitos jovens migram para o setor informal. Pode-se citar ainda a falta de escolaridade que se apresenta determinante para muitos jovens na busca por ocupação. Os resultados em relação à escolaridade mostram que aqueles com todos os níveis de ensino completos detém menores chances de desemprego, devido, provavelmente, à falta de experiências e por conta das obrigações domiciliares (FREIRE; SABOIA; 2021).

5. OUTROS FATORES DE INFLUÊNCIA

Além dos motivos evidenciados, podemos ainda incluir outros fatores que impactam os jovens de alguma maneira e acabam por mantê-los na situação de desemprego e fora da escola: idade, sexo, cor/etnia, situação e posição de domicílio, estado civil, tamanho da família e posição social, são os principais dentre estes. A família estaria como agente promotor de potencialidades ou de acirramento da

vulnerabilidade. Infere-se que os jovens inativos residiam principalmente na zona rural, de cor parda, com baixa escolaridade e com grande número de integrantes na família. Valido citar, também, que a quantidade de mulheres que não trabalham e nem estudam é superior em relação ao sexo masculino, sendo a maior parte delas mães. Desse modo pode-se concluir que, em geral, os homens pareciam mais vinculados ao mercado de trabalho e às mulheres ao estudo ou às tarefas domésticas (FREIRE; SABOIA; 2021).

De acordo com Cardoso e Hermeto (2023) infere-se que os jovens habitantes das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste estão mais propensos a trabalhar e/ou estudarem, desse modo, também são os que mais entram para a categoria de “nem-nem” inativo. Em relação às condições ocupacionais os jovens “nem-nem”, se encontram inclinados a terem mais afazeres domésticos que aqueles que estudam ou trabalham. Ressalta-se que, aqueles jovens que estão nessa condição, mas procuram por emprego, os “nem-nem” ativos, se responsabilizam mais pelos afazeres do lar do que aqueles que não estão buscando emprego, os inativos (CARDOSO; HERMETO; 2023).

As características sociodemográficas e a saúde do indivíduo resultam em desvantagem no sentido de: aqueles com algum tipo de deficiência ou paralisia, principalmente mulheres, representavam a maioria dos jovens inativos ou desocupados, em contrapartida, os que não se encontram nessa categoria, geralmente, a depender de outros conjuntamente de outras razões, tinha uma renda positiva. A taxa de mulheres nem-nem era de 7 a cada 10, dentre essas a maioria possuía filhos e as outras cônjuge. O estado conjugal possui efeitos importantes e diferentes entre os sexos, homens solteiros e mulheres casadas, tendo ou não filhos, apresentavam maiores chances de entrar para a classificação, mulheres solteiras, com filhos ou não, possuíam menores chances de entrar para a classificação “nem-nem”. Outrossim, estudos afirmam que a inatividade havia crescido entre os homens, principalmente aqueles com menos escolaridade. Uma conclusão que gera preocupação é o crescente número de jovens que acabaram de sair do Ensino Médio e entram para inatividade, tendo em vista que esse nível de ensino é atingido por muitos jovens como um todo. Complementarmente, ter a mãe viva diminui as chances de o jovem entrar à condição “nem-nem”, caso a mãe more no mesmo domicílio as chances são ainda menores (FREIRE; SABOIA; 2021).

Além do mais, alude-se a noção, que as famílias que possuem rendimento médio domiciliar mais baixo possuem maiores probabilidades de apresentar jovens no status referido, dentre os pertencentes dessas famílias a prioridade se apresenta em trabalhar para aumentar a renda familiar, sendo a educação tida apenas como um privilégio (CARDOSO; HERMETO; 2023). O número de integrantes que residem no mesmo domicílio do jovem apresenta-se de maneira negativa na busca por um emprego, em outros termos, quanto maior o número de moradores na casa, menores as chances de se sair da situação de desempregado. A idade influencia de modo que, aqueles que estão entre 19 e 23 anos apresentam maiores chances de emprego que aqueles entre 24 e 29 anos (PEREIRA; ORELLANA; ARAGON; 2023).

Englobando as informações apresentadas, acrescenta-se que existe uma pequena diferenciação nas principais características no que se refere às categorias desocupados e inativos. O maior percentual de jovens inativos eram a baixa escolaridade, com diminuto rendimento domiciliar per capita e também apresentavam inexperiência profissional. Se tratando dos desocupados o baixo rendimento domiciliar, a idade entre 18 e 24 anos, o ensino médio ou superior completo, ser a pessoa referência da casa, a inexperiência profissional e/ou possuir outro nem-nem no domicílio, são os fatores que mais se repetem (FREIRE; SABOIA; 2021).

Posto isso, nota-se que é uma somatória de fatores que interferem e agem na vida dos jovens e fazem com que eles permaneçam nessa classificação. Aponta-se ainda que a situação é mais complexa ao sexo feminino que ao masculino.

Em conformidade com Brunet, De Andrade e Cardoso (2022), a teoria sobre fratura geracional divide-se em duas hipóteses: a “long-term generational progress” (LTGP), ou “progresso geracional de longo prazo”, parte do princípio de que as gerações mais novas terão condições melhores de vida, principalmente no que tange a economia e o social, em relação às gerações mais velhas, elas serão beneficiadas pelo progresso tecnológico e social, desse modo as gerações mais novas criam maiores expectativas de vida. Logo, a passagem de um período de retrocesso nas condições e oportunidades gera frustração e descontentamento, que podem ser manifestados de diferentes formas: crises pessoais de caráter individual ou quanto por insatisfações compartilhadas sobre as instituições sociais vigentes. A segunda hipótese, a “short term amplifying role” ou “papel amplificador de curto prazo”, compreende que a socialização dos jovens irá influenciar o resto de suas vidas, em especial as condições de estudo e trabalho. Desse modo, durante o crescimento

econômico e social, a geração mais jovem tende a estabelecer ocupações melhores e, também, uma maior conquista de direitos, o que pode significar melhores condições de vida. Já durante declínios sociais e econômicos, eles encontrariam dificuldades em se inserir na sociedade, se adaptando, assim, a padrões de trabalho e ocupações piores. (BRUNET; DE ANDRADE; CARDOSO; 2022).

6. MULHERES: UM CASO À PARTE.

A condição nem-nem mais se apresenta desfavorável para as mulheres, tanto com relação destas na inserção, tanto no mercado de trabalho como no sistema educacional, em contrapartida ainda relaciona-se à necessidade de algumas delas precisarem cuidar da família e afazeres domésticos, o chamado “trabalho reprodutivo”. Essa maior carga horária dificulta a entrada e a permanência no mercado de trabalho e na vida escolar, em situações de escassa oferta de creches públicas e privadas, concomitante à distribuição desigual dos afazeres domésticos (FREIRE; SABOIA; 2021).

Conforme já expressei, um dos maiores entraves para as mulheres é a dupla jornada e trabalho, a responsabilização quase integral delas pelo trabalho reprodutivo, e mais à necessidade de contribuir com a renda familiar, o que ocasiona mais horas de trabalho. Essa problemática se torna mais séria quando nos referimos às de baixa renda e negras, que atuam em empregos ligados à atividade de cuidado, com baixa remuneração (TRINDADE; PAVAN; 2022).

Hodiernamente, discute-se sobre o sucesso das mulheres, ao assumir que elas não detêm habilidades acadêmicas, adicionado a outros fatores que interferem em suas carreiras e que acabam por inviabilizá-las como sujeitos, conectando sua figura com uma masculina. Deduz-se, em alguns casos, que a vida acadêmica está articulada diretamente à procura por um marido, deixando de lado suas aptidões profissionais. Partindo deste ponto de vista, elas ou são donas de casa ou são boas profissionais, não havendo correlação entre os dois mundos (REZNIK; MASSARANI; 2022).

A sociedade neoliberalista instiga o desejo de empreender e para algumas mulheres que tentam fazer desta via a sua principal fonte de renda e acabam por não conseguirem o capital as chama de “desalentadas”, fato até então não evidenciado pelas mídias. A dificuldade de se conseguir financiamento bancário, e as amarras contratuais para a legalização de um negócio leva muitas delas à informalidade, esse

é um dos principais motivos para o crescente número de mulheres que ganham a vida sem a carteira assinada. Pode-se inferir que o discurso empreendedor e religiosos ocasiona um interdiscurso que age de modo a gerar esperança, o desejo de mudar de vida somado a memória positiva, leva-as a arriscar um negócio próprio e em muitos casos não obtém sucesso (ERICSON; 2020).

Convém, também, argumentar como a religião age na determinação e na escolha do status de “nem-nem” por parte de algumas mulheres, na qual as donas de casa também se enquadram, lembrando-se que estas não se enquadram como trabalhadoras ou ocupadas. A religião entra como contraponto à adesão de valores mais igualitários, a qual, coloca a mulher como a responsável por cuidar do lar e o homem como provedor. Explora-se que a influência familiar se apresenta de duas maneiras distintas: a mãe que trabalha e ainda cuida dos afazeres domésticos, dando exemplo de uma mulher trabalhadora, e ainda a mulher que por conta da religião decide cuidar dos filhos (PICANÇO; ARAÚJO; COVRE-SUSSAI; 2021). Destarte, que o status referido pode ser uma escolha pessoal influenciada por fatores culturais e religiosos, o que não invalida a entrada desses indivíduos na categoria de inativos ou desocupados.

7. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa, não pretendendo, em um primeiro momento, quantificar ou medir os eventos aqui mencionados. Dessa forma, os resultados apresentados não foram obtidos através de dados numéricos, portanto, teve por base a revisão sistemática de materiais publicados entre os anos 2000 e 2023. Foram também utilizados dados fornecidos por sites oficiais, bem como documentos e manuais encontrados nos respectivos sites.

Considerando que as informações dispostas ao longo deste artigo são recortes e interpretações das publicações já descritas, podemos assim considerar que a metodologia utilizada para construí-lo foi a pesquisa bibliográfica de natureza aplicada, tendo o objetivo de fazer uma análise dos conhecimentos já obtidos, não utilizando para isso a pesquisa de campo. Desse modo, as bases de dados usadas foram: Google Acadêmico, Scientific Eletronic Library Online (SciELO).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, a partir do presente estudo que, a condição “nem-nem” é fruto de um conjunto de fatores, tais como: o acesso desigual a níveis escolares básicos e superior, a exigência por experiência no mercado de trabalho, a supervalorização do individualismo e a procura por um poder de compra, resultantes de um sistema sociopolítico neoliberal que influencia a desigualdade social, o sexo, cor, condição socioeconômica e até a própria escolha. Devido à influência cada vez mais forte de organizações financeiras na atuação do governo, há uma menor palpabilidade em políticas públicas sociais. O que também resulta em “violência urbana, aumento da pobreza e precarização do trabalho” (MENCHISE; FERREIRA; ALVAREZ; 2023).

O debate sobre a categoria “nem-nem” gerou visibilidade mais recentemente no Brasil, principalmente por conta da pandemia, que afetou e ainda afeta a sociedade como um todo. Logo, o estudo dos jovens que se encontram nessa situação é relevante e atual justificando, assim, a busca pela compreensão das características desses jovens. (CARDOSO; HERMETO; 2023). Os jovens se encontram em um período decisivo na transição do ambiente escolar ao trabalhista, em tal etapa a juventude se encontra no dilema entre estudo e trabalho e, em detrimento disso, tornam-se vulneráveis à inatividade ou à desocupação por razão dos fatores referenciados. É de extrema importância salientar a necessidade de maiores pesquisas no que tange às conjunturas que resultam nesta problemática para, deste modo, investir em políticas públicas que garantem melhores condições e melhores oportunidades à essa geração.

REFERÊNCIAS

SILVA, M. M. Geração à deriva: jovens nem nem e a superfluidade da força de trabalho no capital-imperialismo. R. Educ. Públ., Cuiaba, V.25, n. 58, p. 119-136, abr. 2016.

BRITTO. V.; Agência de Notícias do IBGE; 02/12/2022. Link: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35686-em-2021-pais-tinha-12-7-milhoes-de-jovens-que-nao-estudavam-nem-estavam-ocupados>.

PRADO, A. C. DA S. A.; SILVA, C. R.; SILVESTRINI, M. S.. Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 28, n. 2, p. 706–724, abr. 2020.

MENCHISE, R. M., FERREIRA, D. M. e ALVAREZ, A. L. F.; Neoliberalismo, políticas públicas e desigualdades: uma análise principalmente do Brasil. Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social. 2023, v. 16, n.1. p. 1-21

CHOMSKY, N. O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e a ordem global. Bertrand Brasil, 2004.

SANDEL, M. , J., O que o dinheiro não compra, Civilização Brasileira, 2012.

GORENDER, J.; Brasil em preto e branco. O passado escravista que nunca passou. Senac, São Paulo, 2000.

CISNE, M.; IANAEL, F.; Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. Revista Katálysis. 2022, v 25, n. 2 p. 191-201.

CAREGNATO, C. E.; SANTOS, H. R. R.; FELIN, L. B.. Origem escolar e acesso à educação superior: análise da ocupação de vagas de ações afirmativas na UFRGS. Educação em Revista, v. 36, p. e231759, 2020.

GALVÃO, A.; Neoliberalismo e reforma trabalhista no Brasil. FAPESP, 2007.

PEREIRA, N. T.; ORELLANA, V dos S., ARAGON, J. A. Duração do desemprego do jovem brasileiro. Revista brasileira de economia, Salvio Marcelo Soares, 2023, p. 396 - 424.

SIMÃO, V.; Desemprego e sobrevivência. Alternativas de trabalho. Editurb.2000.

NEVES, D.; A exploração do trabalho no Brasil contemporaneo. R. Katal., Florianopolis v.25, n. 1, p. 11-21, 2022

FREIRE, D. G; SABOIA, J.; Determinantes para a condição nem-nem dos jovens brasileiros: uma análise desagregada de inativos e desocupados. Economia e Sociedade, v.30, n. 3, p. 811-844, ago. 2021.

TELES, V.; Pobreza e Cidadania. Editora 34, 2013, p. 101-102

OLIVEIRA, C. DA S.; Neoliberalismo, sofrimento e indiferença. *Revista Katálysis*, v. 25, n. 2, p. 365–373, maio de 2022.

TRINDADE, T. A.; PAVAN, Í. L.; Segregação urbana e a dimensão socioespacial da divisão sexual do trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 37, n. 110, p. e3711003, 2022

GOMES, S.; MELO, F. Y. M. DE .; Por uma abordagem espacial na gestão de políticas educacionais: Equidade para superar desigualdades. *Educação & Sociedade*, v. 42, p. e234175, 2021.

PICANÇO, F.; ARAÚJO, C. M. DE O.; COVRE-SUSSAI, M.; Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, p. e0177, 2021.

REZNIK, G.; MASSARANI, L.. Mapeamento e importância de projetos para equidade de gênero na educação. *Cadernos de Pesquisa*, v. 52, p. e09179, 2022.

CARDOSO, G.; HERMETO, A.. Detalhando o perfil de atividade dos jovens brasileiros que não estudam nem trabalham: o papel da busca por trabalho e dos afazeres domésticos . *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, p. e0164, 2021.

ERICSON, S.. “Desalentadas”: subjetivação em dizeres sobre as mulheres que desistiram de procurar trabalho. *Revista Katálysis*, v. 23, n. 3, p. 707–719, set. 2020.

BRUNET, M. B.; DE ANDRADE, L. M.; CARDOSO, N. A.; Fratura geracional no Brasil no início do século 21? Análise das oportunidades de vida da geração jovem no Brasil entre 2012 e 2019. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 22, p. e41669, 2022.